



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA











## **RESUMO**

Essa dissertação tem como objeto os diálogos que perpassam as teorizações feministas nas





## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIG













Assim, proponho uma *pesquisa qualitativa* de análise com *objetivos* de 1) examinar contexto social da emergência da pornografia moderna, 2) os imaginários que se debruçaram sobre a sexualidade feminina dentro desse gênero, 3) a arena de debates feministas que, desde os anos 80, refletem sobre o tema da pornografia e, por fim, 4) refletir sobre a pertinência e o desafio da reimaginação do dispositivo pornográfico através da *análise de conteúdo* das especificidades desse material. No que toca último ponto, elaborei um breve panorama comparativo sobre algumas expectativas de estéticas corporais das atrizes pornô no *mainstream*<sup>7</sup> e no pornô feminista, diferenciações em 04 práticas sexuais consideradas clássicas do universo pornográfico ó a masturbação, o sexo oral e a ejaculação (



fg ðclwuv o gpvqö vg»tkeq. o gvqfq»ikeq - e,a003tivoETBT1 0 0 1 287.21 398.59Tm[(-)] TJETBT1 0 0 1 2



Categoria

The Two Alexes

JL + DD



## **CAPÍTULO 1 –**









diretamente nas análises textuais e contextuais dos produtos da indústria pornô, levando em



suas estruturas de roteiro e narração, e as representações e comportamentos sociais de seus personagens.

Já as antropólogas Maria Elvira Días-Benitez<sup>17</sup>

### **3. ...na sexualidade e na sociologia**

Como sugerido, as ciências sociais, em especial a sociologia e a antropologia, nas últimas quatro décadas têm investido na sexualidade enquanto campo autônomo de reflexão.

instância social uma vez que, enquanto percebida exclusivamente como fenômeno biológico, sua especificidade raramente adentrava às análises culturais e políticas (RUBIN, 1999, p. 49). Assim, foi nas trincheiras das problematizações construtivistas<sup>21</sup>



Como já sugerido, as teorizações de Michel Foucault têm sido uma das mais influentes e bem-sucedidas nesse processo. Uma das implicações da teoria foucaultiana se









do obsceno<sup>27</sup>. De fato D11a é uma tarefa desafiadora definir com precisão o que significa









instituições, como as demais coisas, a partir do século XIX ela se democratizou e se industrializou dentro da lógica cinematográfica da cultura de massas.

Embora alguns estudiosos identifiquem a presença de um mercado internacional de filmes pornográficos no começo do século XX<sup>32</sup>, foi a partir da década de 1970 que a pornografia passou a ser legalizada c



são feitos para serem claramente vistos. Todavia, vale lembrar que seus esquemas de





científico, que conjugam relações do saber e do poder a inseriu em um sistema de utilidades e padrões de funcionamento que deliberou tipos de controles das mais variadas ordens. Sendo assim, como relembra Foucault (2012, p.

wo ko rqtvcpg flurqukvkxq rtqfwvqt fg fkuewtuqu swg crtggpfgo c õxgtfcfgö fq ugzq. rqt



Neste sentido, a sexualidade feminina na modernidade, se construiu enquanto objeto cuja representação foi orientada pelas externalidade dos padrões sociais vigentes e das implicações de suas relações sociais.

A























JR, 2007). Nesse contexto, o ano de 1972 foi um marco na história do pornô. Pela primeira vez um filme de longa-metragem colorido e sonoro apresentou uma coerência estrutural e









para o feminismo o privilégio da perspectiva parc-3(GS8 gs0 0(pe)lTqQ EMC c[(15 -c[(9003)]595[( 8[( re

uma das metáforas mais explícitas da opressão patriarcal sobre as mulheres. Como consequência, surgiram os primeiros movimentos anti-pornografia que começaram a atuar de forma organizada contra os abusos e a violência supostamente advinda do material pornográfico.

Em 1976 foi criado o *Women Against Violence in Pornography and Media* (WAVPM), e em 1979 o *Women Against Pornography* (WAP) cujos discursos anti-pornográficos elevaram esse



Os grupos anti-pornografia ó







conta o conteúdo semântico e discursivo que permeariam as práticas sexuais e suas representações. Essas críticas impulsionaram inúmeras feministas na defesa de uma nova leitura da sexualidade que pudesse trazer novas interpretações ao pluralismo da organização social da sexualidade.

Em 1982 uma conferência, realizada no Bernard College, em Nova Iorque, deu início





### **2.3 Club 90 e as verdadeiras “Sexy and the City girls”**



rgtrgvwqw q vgt o q õR»u-Rqtpq i tchkcö swg xktkc c ugt wucfq rctc fgpq okpct cu tgcrtqr tkc±çgu do cinema erótico e, posteriormente, foi apropriado pelo feminismo *queer*. E, finalmente, Annie Sprinkle, conhecida por ser a primeira atriz pornô a obter um grau de PHD, abandonou as ruas de Nova Iorque e adentrou a indústria pornográfica ainda nos anos 70 e, assim como Royalle, palestrou em diversas instituições de ensino superior nos Estados Unidos e em congressos de sexologia. Mas a fama de Sprinkle se deu para além de sua atuação no mercado erótico, uma vez que é bastante conhecida por seu trabalho teatral e literário e diversos projetos sobre educação sexual e sexologia.

poderia ser explicada historicamente, pois por décadas as mulheres têm sido distanciadas  
fcu ðv<sup>2</sup>epkecu o cuvwtdcv»tkcu cwfkqxkuwckuö. q swg eqpvtkdwkw rctc swg guugu ‘ uw u u



A exemplo disso, Dworkin e Mackinnon desenvolveram seus argumentos na concepção de que a pornografia deveria ser reduzida a um desencadeador da sexualidade negativa e violenta. A espe





### **3. A era pós-pornográfica**

indústria





Ao estudar a sexualidade como um dispositivo histórico do poder que marcam e  
tgiwncogpvc o cu uqekgfcfgu qekfgpvcku oqfgtpcu. qu guvwfqu ã*queer*







uma inverdade - uma vez que o mercado pornográfico nunca faturou tanto nos últimos anos -, como tende a obscurecer as tentativas de reimaginação das condições



Outra importante tática da crítica pornográfica e feminista foi cunhada por Annie Sprinkle. Diferentemente de Gron/Sprinkle, a plúrtide de suas companhias, a Sprinkle kpcwiwtqw woc guv<sup>2</sup>vkec fktgekqpcfc g õcitguukxcö swg rtqxqeqw qu e»fkiqu g nk o kvgu fc própr



A análise dos dois exemplos narrados evidencia que os esforços feministas para a dissociação dos padrões da pornografia e





pornografia *mainstream*, isto é, levar em conta tipo de pessoas, corpos, práticas sexuais, e/ou  
o *swcftq cpvkttekuvc glqw cpvk-qrtguukxq cq npiq fc rtqfw±qö*<sup>69</sup>. No mesmo sentido, a  
premição *PorYes* posiciona *PorY* não *PorY*







ausência de conhecimento ou de estratégias de sucesso que vislumbrem o orgasmo feminino, há uma dificuldade em exibir materialmente o gozo da mulher em imagens. É neste sentido que a saída do *mainstream* rctc vcn õrtqdn g o cö fg tgrtgugpvcvkxkfcfg ug f<sup>a</sup> pc tku¶xgn





Linda Williams (1989) elabora como o frenesi do visível se insere em uma tentativa obcecada em representar o exato momento da involuntária confissão do prazer sexual fálico de forma que ãug xqe' p-q vgo wo *money shot*. xqe' p-q vgo wo hknog rqtphö (ZIPLow, apud WILLIAMS, p.93) Mas seria a afirmação da supremacia do *money shot* realmente a essência da pornografia? Como



### **3.2 Erika Lust e o realismo “porn-utópico”**



Assim, o foco da centralidade de representação proposta por Lust se baseia no imaginário de um tipo específico g fgvgt o kpcfq fg õ o wñjgtguö. q swcn<sup>2</sup> consonante com as pautas de reivindicação da autonomia e liberdade sexual dau õ o wñjgtgu (dtepecu) o qfgtpcuö. não se atentando para as







## Tema 1: representação e corpo em ação

C rtkogkfc hcnfc fc jkuv»tkc ã*The Two Alexes*” se inicia um uma reflexão da personagem principal P1, sobre o descontentamento da exigência social de classificação de sua identidade e/ou sexualidade:

Estou cansada de ter que de me definir. Doce ou salgada, preta ou branca, amiga ou amante, homem ou mulher, dominante ou submissa, santa ou prostituta...Foda-se tudo o que tem que ser rotulado e classificado<sup>82</sup>. (LUST, 2011).

P1 como uma mulher que reflete sobre a sua sexualidade, traz à tona um pensamento presente nos discursos feministas contemporâneos, que reconhecem o campo teórico do sujeito e sua expansão para a existência de uma identidade de gênero contínua (COSTA, 2003). A articulação da cultura e de seus símboTe149(ct(2003))3(. )-62s1] TeDnC TeDnC TJulaçat-. nivid

As cenas entre P1 e P2 e P1 e P3 aparecem intercaladas, uma vez que a protagonista repete o jogo de sedução com os dois amantes. As primeiras tomadas demonstram o flerte entre os personagens dentro do bar, em um ambiente de noite, luzes fortes, som alto, muita movimentação e bebidas. As cenas seguintes ao primeiro encontro de P1 com P2 e P3, a protagonista aparece caminhando na luz do dia, em um parque, conversando e dando as mãos

A primeira quebra que pode ser identificada nessas cenas, em relação ao pornô *mainstream* e *hard core*, se dá no pensamento de P1 sobre o jogo de sedução que ela conscientemente faz com cada personagem,

Destarte, no intuito de romper com os excessos da fantasia sexual pornográfica *hard core*,

A protagonista toma a iniciativa do s

Nesse momento, vale destacar que diferentemente do sexo lésbico entre atrizes do pornô *mainstream*, as duas compartilham a experiência sexual

Em seguida, P1 coloca uma camisinha em P2 e, com ele por baixo, é iniciada a cena de penetração. Nessa tomada os personagens são mostrados de cima para baixo, e em nenhum momento percebe-se





Se colocar muita pressão em Sofia, ela está fora. Você perde.

### **3.3. Jizz Lee e a pornificação de si**

*Out Like A Porn Star*

A política das multidões







Cena 5 ó





mais se aproxime com a pornografia convencional, uma vez que, em ambos, a objetividade





## Considerações finais

C rqlpqitchkc vgo gzvtrqncfq q uvcvwu fg õecvkgktq gt»vkeqö guugpekcnogpvg  
violento, sobre o qual não devemos falar, mas com o qual aceitamos conviver. Ainda que



de transbordar barreiras epistêmicas e de militância. Se antes *a* mulher universal e caucasiana prevalecia, agora surgem sujeitos excêntricos, divididos, que transitam entre prazeres e



## **Bibliografia**

ABREU, N. C. **O Olhar Pornô**



COELHO, S. Por um feminismo *Queer*: Beatriz Preciado e a pornografia como pretextos. **Ex æquo**, Porto, n.20, 2009 p. 29-40.

CORNELL, D. A Tentação da Pornografia. *In: Leituras do Sexo*, GREINER, C.; AMORIM



HARAWAY, D. J.



PISCITELLI A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (Orgs.). **Sexualidades e saberes: conven- ções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond.

SONTAG, S. A